



OLIVEIRA, F. de Ysmaille; OLIVEIRA, F. Ysthéfane. *Corpo Divinu...A performance do seu Julico na novena do divino Espírito Santo em São Tomé/PA*. Belém: Universidade Federal do Pará; Mestrando em Artes; Graduada em Letras; Karine Janssem de Amorin.

RESUMO

O estudo em questão analisa as experiências da festa do Divino no Pará. Arrolou-se neste trabalho uma dimensão histórica e etnográfica através da descrição da festa do Divino feita por Artur Vianna no século XIX em Belém e também as corroborações de Napoleão Figueiredo e Anaiza Vergolino sobre a festa no Alto do Cairari. A partir disso, aborda-se o corpo, partindo do princípio cunhado por Richard Schechner sobre "restauração de comportamento". Assim, ganha destaque a Festa do Divino Espírito Santo em Macapazinho, agrovila do município Castanhal, especialmente na comunidade de São Tomé, onde ocorre à novena que é cantada em latim, na qual ocorre a performance do "Seu Julico" é o ponto fulcral para compreender o dialogo ente os Estudos da Performance, poesia oral e circularidade cultural.

Palavras-Chave: Performance; "Seu Julico"; Novena.

ABSTRACT

This study examines the experiences of the "Festa do Divino" in Para. It was made a research about the historical and ethnographic dimension through description of the "Festa do Divino" made by Arthur Vianna in Belém, in the nineteenth century and also the corroboration of Napoleão Figueiredo and Anaiza Vergolino about the party in the "Auto Cairari". From there, it approaches the study, assuming prepared by Richard Schechner on "behavior restoration." Consequently, the "Festa do Divino Espírito Santo in Macapazinho, agrovillage of the Castanhal city, is emphasized, , especially the community of São Tomé, where is the novena which is sung in Latin, which occurs in the performance of "Seu Julico" that is the main point for understanding the dialogue among the Performance Studies, oral poetry and cultural circularity.

Key words: Performance; "Seu Julico"; Novena.

1- "Recebei o Espírito Santo" (João 20: 22).

A Festa do Divino, segundo a bíblia, acontece no Domingo de Pentecoste, que é realizado cinquenta dias após a páscoa em homenagem à vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo.

Há divergências quanto à origem da festa do Divino: alguns estudos sobre sua procedência apontam que ela tenha sido oriunda da religiosidade popular na Alemanha e de lá tenha migrado para Portugal, no período medieval; outras pesquisas indicam que a festa teria surgido em Portugal no século XIII, sendo atribuída a rainha Isabel.

Ela, durante a missa de pentecoste, convocou o clero, nobreza e o povo, escolheu uma pessoa dentre os pobres para ser coroada. Após o término da cerimônia foi servido um banquete para todos os que estavam presente. A partir daí foram feitas cópias da coroa para que, dessa forma, o ritual continuasse sendo repetido em Portugal e suas colônias.

2-Século XIX: A Festa do Divino no Pará.

No Pará o historiador Arthur Vianna fala que a Festa do Divino foi se popularizando no final do século XIX, perdendo a “pompa” imperial que outrora lhe era característica. Sendo realizada pelas classes menos abastadas. O autor atribui essas mudanças à “evolução progressista” e ao aumento da população, sendo assim, a maioria do povo foi abandonando as heranças coloniais. Contudo, ele cita Martinho Tavares, “Mestre Martinho” e seus primos que levavam a cabo a festa. Vianna (1904, p. 243) diz que “sob o Império, com o mesmo esplendor dos tempos coloniais, continuam as festas do Divino, no Pará”. E assim descreve-a:

Annualmente, a flôr da sociedade pararense grupava-se ao redor da côroa imperial, n’um movimento acelerado de festas; bandos de homens e rapazes percorriam as ruas de Belém, ao som de tambores, pedindo esmolas para as despesas do culto; o Largo da Sé vestia-se de galas: solenne procissão, vistosa pelo apparatus dos devotos. Levava a côroa à cathedral, onde depois da missa cantada, a expunham, coberta de fitas e flores, aos beijos dos crentes, que faziam tinir nas salvas de prata o cobre das suas esmolas. (VIANNA, 1904, p. 243).

Corroboram também, para compreensão da Festa do Divino aqui no Pará, as proposições de Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino e Silva. Segundo os autores a festa do Divino, na região do Alto Cairari, não mais existe. A reconstituição da trajetória deste evento só foi possível graças aos relatos dos mais antigos. Tais histórias nos trazem informações da origem da festa:

Durante a guerra do Paraguai (1865-1869), quando surgiu no Cairari à notícia que seriam recrutados elementos locais para compor o contingente, do Pará nesse conflito, uma senhora (D. Remigia) fez promessa para que nenhum de seus filhos fosse convocado. Como o recrutamento não ocorresse, mandou adquirir em Belém uma coroa do Divino e no mês de maio de 1870 começou a festejar o Espírito Santo, o que se repetiu anualmente enquanto ali viveu. (FIGUEIREDO; VERGOLINO, 1972, p.18).

Após o falecimento de D. Remigia o Santo esteve sobre a responsabilidade de diversas pessoas, as quais foram incumbidas de cuidar da Coroa e zelar pela festa, no entanto a dinâmica cultural sucumbiu a festa e por se tratar de um objeto valioso, muito de seus pertences foram usurpados.

2.1-A Festa do Divino em Macapazinho.

A Festa do Divino é organizada por um grupo de pessoas da Agrovila de Macapazinho. A novena ou ladainha do Divino Espírito Santo, como é popularmente conhecida na região, acontece durante todo ano, sendo que no primeiro semestre as peregrinações seguem um cronograma. Seu ápice ocorre no dia de pentecostes.

A Coroa do Divino Espírito Santo (objeto) é conhecida como “Divino” ou “Santo” e percorre as comunidades de Itaboca, Inhangapi, Santa Maria, São Benedito, Gleba, Pernambuco, Trindade, São João, Itaquí, São Tomé e Boa Vista. O “Santo” permanece sete, ou até mais, dias em cada uma das comunidades. Como afirma a moradora da comunidade de São Tomé Dona Romana:

Na idade de oito anos eu me lembro que tinha essa procissão, né! Esse... essa... o santo esmolando, aí ele zumbia, ouvia o baque do “bum” já se arrumava, aí o santo entrava, eles cantavam, aí... tinha a bandeira, bandeira branca, bandeira vermelha, eles cantavam, cantavam ali, a gente beijava o Santo aí a gente saía, iam pra outra casa (ROMANA, 2008).

A festa constitui-se de vários momentos significativos, as promessas dos devotos, por exemplo, são ocasiões de excelência nas comunidades. Geralmente, após o término da novena, os fiéis formam filas para beijar ou tocar as fitas colocadas na Coroa. É nessa hora também que as promessas são feitas, os promesseiros amarram fitas ou dão um nó nas que estão na Coroa.

2- “Corpo Divinu”: A performance do “seu Julico” na novena em São Tomé - Circularidade Cultural, Poesia Oral e Performance.

O “Corpo Divinu” é uma construção analítica criada por nós que permite entender a performance no rito religioso. Ele é um elemento que envolve a dimensão da Circularidade Cultural, Poesia Oral e os Estudos da Performance.

Carlo Ginzburg desvendou Domenico Scandella, o Menocchio um moleiro perseguido pela inquisição na região de Friuli, na Itália, percebendo a sua explicação cosmogônica do universo, a partir da analogia com o aparecimento dos vermes no queijo:

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. (GINZBURG, 2004, p.40).

Com isso, Ginzburg trata da incursão da cultura popular dentro de um universo erudito. Ele denominou isso como “*Circularidade cultural*”, ou seja, a relação entre as culturas dominantes e as culturas subalternas.

Em relação à novena, “Seu Julico”, folião, entoava a ladainha em latim na comunidade de São Tomé. Para fazer isso ele apoiava o queixo sobre o lado direito do peito e produzia um som grave e vibrante. O começo da ladainha foi memorizado por ele, por isso a iniciava sozinho, o restante estava transcrito em papeis que haviam sido plastificados.

A comunidade respondia em coro. “Seu Julico” segura a Coroa e coloca por um breve instante na cabeça do jovem que a estava segurando. Depois dá para o mesmo jovem beijar o símbolo da pomba que está em cima da Coroa. Então, o folião conduz a Coroa até a mesa na qual estão acesas as velas. Ele se ajoelha, pega algumas fitas; beija-as, benze-se e com elas se emociona.

A partir, dessas considerações podemos compreender a categoria a qual denominamos “Corpo Divinu”, este entendido como um corpo santo, contrito, estático, um corpo que faz a conexão entre o sagrado e o terreno e dilui a erudição em sonoridade. Segundo Shafer (1991, p. 236): “[...] o significado da palavra é sacrificado pela sonoridade; as palavras conservam a beleza da emoção não articulada”.

Podemos dizer também, que esse comportamento foi re-atualizado em relação à possível origem da festa atribuído, como dito no início, a rainha Izabel:

Os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados. Comportamento estabelecido é comportamento vivo tratado como um diretor de filme trata uma tira de filme. Podem ser reorganizadas essas tiras de comportamentos ou podem ser reconstruídas; elas são independentes dos sistemas causais (pessoal, social político, tecnológico e etc.) e foi isso que as trouxe à existência. Elas têm uma vida delas próprias. A verdade “original” ou “ fonte ” do comportamento pode não ser reconhecida, ou pode estar perdida, ignorada ou contradita – até mesmo enquanto aquela verdade ou fonte está sendo honrada. Como foram feitas as tiras de comportamento, foram achadas, ou foram desenvolvidas, pode ser desconhecido ou escondido; elaborado; distorcidas pelo mito e tradição (...). (SHECHENER, 1995, p. 56.)

As folhas de papéis são a ferramenta de trabalho do “Seu Julico” (2008): “[...] porque eu utilizava essa ferramenta para trabalhar porque a única que tinha era essa [...]”. Sem ela não há novena, assim como, a presença do folião, quer dizer, a performance existe no encontro do texto com a memória, no aqui agora da novena como canal de comunicação, como afirma Zumthor (2007, p. 32) : “A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento.”

Aí, chegou à semana... Era uma quinta-feira, eu deitado bem ali... Aí, cabeí de almoçar, me deitei, peguei meu Santo, aí, eu sonhei com a ladainha. Sonhei... [...] Aí me acordei com aquele... Aquele frio, né... Com o pensamento naquele negócio, né, na ladainha, né, mas rapaz, aí, aquele frio, aquela coisa, aí me levantei, fui, ela tava lá numa banca lá, que tinha lá dentro, a ladainha, enxutinha, aí, eu peguei, aí eu avisei pra Maria. Só pode ter sido ele que veio trazer... Aqui não tinha mais por onde revirasse, né! E ele lá... Ai nós fomo ver que tinha mudado é... Era na beira da caixa d’água, aí a bicha virou (...) então, eu... Eu não duvido, né! Agora quem quiser duvidar que duvide, né! (risos). (JULICO, 2008).

Desta forma, o Divino, segundo o “Seu Julico” acabou por interferir e consertar aquele incidente demonstrando assim, a força do santo no estabelecimento do “equilíbrio cósmico quebrado”, e resolve pela dimensão do milagre, reafirmando mais ainda o laço entre o ser humano com a transcendência para que sua performance pudesse ocorrer. Sobre isso, Barroso destaca:

Predomina uma visão estetizante da sociedade. O mundo é organizado segundo analogias, contraposições e correspondências. O tempo é concebido na esfera do mito, como um eterno retorno e devire a utopia, como uma volta as origens. (BARROSO, 2000, p. 94).

3- Considerações Finais:

A pesquisa é incipiente considerado a dimensão temporal, geográfica e histórica da Festa do Divino no Pará. Assim, nesta pesquisa buscou-se esboçar um panorama da festa, destacando três territórios, onde o rito acontecia e acontece: Macapazinho, Alto do Cairari e Belém do Pará.

Percebemos, a partir de documentos escritos e orais, uma intersecção no que diz respeito aos comportamentos restaurados que incorporaram o contexto no qual os indivíduos estão envolvidos. Cabe ressaltar, que esses comportamentos não encerram um processo em si, contudo são vistos como um item passível de sofrer novas reordenações.

Desta forma, por meio desse universo de representações da festa é que pudemos destacar “Seu Julico”, um dos últimos foliões da festa do Divino em Macapazinho. Foi através dele que identificamos o “Corpo Divinu”, um corpo contrito, estático, que interliga o sagrado e o terreno pela memória, pelo escrito e essencialmente pela voz.

Esse corpo articula-se no campo da Circularidade Cultural, pois ele inter-relaciona a cultura erudita e a cultura popular, haja vista, que sacrifica o sentido clerical da ladainha em latim e transforma as palavras em sonoridades com sentidos diversos. Contudo, o rito estabelece-se, sobretudo com a participação da comunidade através do coro, sendo isto, uma marca intrínseca da performance.

Por conseguinte, a performance do “Seu Julico” pelo “Corpo Divinu”, está ligada a sonoridade da palavra, que se apropria do erudito e o transforma num meio de contato mais próximo com o “sagrado”, de tal modo, que valores vão sendo construídos através dos corpos que participam da festa e da novena, remodelando os signos, restaurando comportamentos e mantendo a tradição da comunidade de São Tomé e dos moradores de Macapazinho.

Referências:

BARROSO, Oswaldo. **A performance no teatro popular tradicional**. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. **Performance, Cultura e Espetacularidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

FIGUEIREDO, Napoleão & Silva, Anaíza Vergolino e. **Festas de Santo e Encantados**. Belém, 1972.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MATOS, Romana da Silva . Depoimento [Maio. 2008] Entrevista concedida a: Neilton Cerqueira, Ysmaille Oliveira e Ysthéfane Oliveira. Belém, 2008.

OLIVEIRA, Ozório. Depoimento [Maio. 2008] Entrevista concedida a: Neilton Cerqueira, Ysmaille Oliveira e Ysthéfane Oliveira. Belém, 2008.

SHAFER, Murray. **O Ouvido pensante**. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SHECHNER, Richard. (2003), “**O que é performance?**”. *O Percevejo*. Revista de teatro, crítica e estética. Ano 1. nº 12: 25-50.

VIANNA, Arthur. **Festa populares do Pará**. In: Annaes da Biblioteca e Archivo Publico do Pará, Belém: 3: 225-261, 1904.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.